

## A COMPLEXIDADE NA ELABORAÇÃO DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

**DUARTE, Gabriela Bohlmann<sup>1</sup>; HOFFMANN, Nairana Sedrez<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Projeto de Pesquisa “Línguas estrangeiras e TICs: aprendizagem de línguas e elaboração de materiais na Complexidade e no Caos”, coordenado pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Rafael Vetromille-Castro; [gabrielabduarte@yahoo.com.br](mailto:gabrielabduarte@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Projeto de Pesquisa “Línguas estrangeiras e TICs: aprendizagem de línguas e elaboração de materiais na Complexidade e no Caos”, coordenado pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Rafael Vetromille-Castro; [nairana\\_sedrez@hotmail.com](mailto:nairana_sedrez@hotmail.com)

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência na disciplina de Estágio de Observação de Inglês pela perspectiva da Complexidade. Pesquisadores da área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) têm pensado nesse processo a partir das teorias do Caos e da Complexidade (BERTALANFFY, 1973; MORIN, 1995) tanto em contextos presenciais, quanto a distância. O objetivo da disciplina era a elaboração de Objetos de Aprendizagem de Línguas (OAL) para as turmas da 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries de uma escola municipal de ensino fundamental em Pelotas/RS.

Por fim, houve uma reflexão da nossa turma acerca do discurso pedagógico usado pela professora da escola em contraste com a sua. Deste modo, durante a construção dos OAL, foi preciso buscar um equilíbrio entre o que era preciso para contemplar o que é dito na área de *Computer-Assisted Language Learning* (CALL) sobre a elaboração de materiais didáticos, de acordo com os princípios do Ensino Comunicativo de Línguas – CLT – (CANALE & SWAIN, 1980; ELLIS, 1999, 2005; PAIVA, 2009) e da Usabilidade de Design e Pedagógica (LEFFA, 2003; VETROMILLE-CASTRO, 2003), e o que a professora fazia nas suas aulas de inglês.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Primeiramente, fizemos uma revisão bibliográfica sobre o processo de aprendizagem em ambientes virtuais (MARTINS, 2009; VETROMILLE-CASTRO, 2008) e presenciais (LARSEN-FREEMAN 1997, 2000; LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008; PAIVA, 2005) pela perspectiva da Complexidade. Buscamos a definição de Objeto de Aprendizagem (LEFFA, 2006), a qual atende os princípios do CLT (CANALE & SWAIN, 1980; ELLIS, 1999, 2005; PAIVA, 2009) e da Usabilidade de Design e Pedagógica (LEFFA, 2003; VETROMILLE-CASTRO, 2003).

Além disso, aplicamos um questionário semi-aberto com as turmas do ensino fundamental, realizamos entrevista com a professora e observamos algumas aulas de Língua Inglesa a fim de conhecer o contexto da escola.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta da disciplina de Estágio de Observação de Inglês foi a elaboração de OAL para turmas de ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Pelotas. Acreditamos que “a produção de materiais de ensino é uma sequência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem” (LEFFA, 2003, p.1). A partir do conhecimento da realidade dos alunos, pudemos propor instrumentos que atendessem às suas necessidades, bem como aos princípios do CLT e da competência comunicativa (CANALE & SWAIN, 1980; ELLIS, 1999, 2005; PAIVA, 2009).

Segundo Leffa (2003), a descrição das atividades tem que envolver, no mínimo, quatro etapas: análise, desenvolvimento, implementação e avaliação<sup>1</sup>. Entretanto, o nosso trabalho foi até o desenvolvimento<sup>1</sup>.

Todo o processo de elaboração dos OAL no decorrer do semestre pode ser considerado um sistema complexo, de acordo com as características propostas por Bertalanffy (1975) e Morin (1995). Imprevisibilidade, sensibilidade a condições iniciais, comportamentos atrelados a regras de baixo nível e susceptibilidade a fatores externos são perceptíveis ao analisarmos grupos sociais, de modo que o processo de ensino e aprendizagem será influenciado por tais traços.

Paiva (2005) faz uma consideração sobre como, na Complexidade, tal noção é importante, uma vez que influencia na formação e na manutenção dos sistemas. Ela afirma que

essa forma de pensamento não-linear contraria a lógica cartesiana, ignora as hipóteses deterministas e abandona o conceito de ciência no sentido de que o conhecimento deve ser sistemático, objetivo e generalizável. O conceito de contexto passa a ser crucial para que possamos entender a natureza diversificada dos fenômenos.

Entendemos que a elaboração ocorreu em um contexto de natureza complexa, de acordo com a perspectiva de Paiva. Assim, constatamos que a situação escolar dos alunos afetou as regras de baixo nível e as condições iniciais do nosso sistema, uma vez que, ao visitarmos a escola pela primeira vez, embora tenhamos nos deparado com um laboratório de informática bem equipado, a professora responsável impôs inúmeras restrições para o uso. Inicialmente, a proposta seria utilizar vários recursos digitais, o que teve que ser alterado.

Martins (2009) analisou as dinâmicas complexas emergentes em um curso de escrita acadêmica para estudantes de inglês como LE, ofertado na modalidade híbrida (aulas face a face e online). O autor estudou cinco condições necessárias para que comunidades de aprendizagem, consideradas como sistemas complexos, possam surgir e manter-se coerentes em contextos dinâmicos.

As *restrições possibilitadoras* são as normas do sistema sala de aula que regem as atividades ali realizadas, as quais não só restringem certas possibilidades, mas também são capazes de criar outras possibilidades. Essa característica assemelha-se às regras de baixo nível e às condições iniciais propostas por Larsen-Freeman (1997) e Vetromille-Castro (2008), pois mudarão a forma do sistema e exigirão que seus componentes se adaptem a elas. No nosso

<sup>1</sup> O projeto foi finalizado no primeiro semestre de 2010, como produto da disciplina “Estágio de Observação em Língua Inglesa”, e será aplicado ao público alvo no segundo semestre. Este resumo foi elaborado ao final do mês de julho, logo após o término do período letivo, impossibilitando, portanto, relatos sobre a fase de *avaliação*.

caso, as restrições regeram atividades realizadas fora da universidade para a construção dos OAL, pois tínhamos prazos de entrega a cumprir. Ainda sobre essa condição, há uma relação com o caráter aberto da sala de aula, já que, além de receber influência externa, afeta o que está fora dela.

A *diversidade interna* na sala de aula refere-se “à extensão de interações possíveis e, assim, à extensão de experiências dos agentes” (MARTINS, 2009, p.152). Isso pode ser observado na elaboração do trabalho, uma vez que o realizamos em duplas e para um grupo de alunos que conhecíamos apenas pelas aulas acompanhadas e pelas respostas aos questionários, o que poderia não ser suficiente para abranger a todas as suas necessidades.

Já a *redundância* é entendida como o contraponto e o complemento da diversidade, pois “a sala de aula, assim como outras comunidades humanas, é marcada não só pela diferença, mas também pela semelhança entre os seus componentes” (MARTINS, 2009, p. 157). Assim, lembramos que todos os estudantes encontram-se no mesmo contexto escolar e social e pensamos que deveríamos contemplar as competências fundamentais para o seu futuro como alunos do ensino médio.

Outro traço fundamental do ambiente de ensino é o *controle descentralizado*, pois o professor não pode controlar cada estilo de aprendizagem, as motivações e a aprendizagem de fato. O papel do professor da disciplina de Estágio foi acompanhar o processo de elaboração dos OAL e atuar quando os objetivos iniciais não estavam sendo alcançados. Quanto à professora da escola, o seu papel deve ser o mesmo, embora não possamos alterar as suas atitudes e, futuramente, a maneira como vai levar os OAL aos alunos, de forma que se sintam motivados em usar o material.

Por fim, as *interações locais* “são a força motriz de qualquer sistema complexo” (MARTINS, 2009, p.166), as quais formam a rede de relações que se estabelece ao longo do período letivo. Na universidade, a interação com o professor e os colegas ajudava, pois podíamos contar com as suas opiniões sobre o nosso trabalho. Da mesma maneira, na sala de aula da escola, a interação entre os aprendizes é essencial para que usem a língua e desenvolvam a sua fluência.

O resultado do processo de elaboração dos OAL foi atingido após uma reflexão da nossa turma acerca do discurso pedagógico da professora da escola e da sua prática. Ela afirmou, em entrevista, que partia dos princípios do CLT (CANALE & SWAIN, 1980; ELLIS, 1999, 2005; PAIVA, 2009). Contudo, ao observarmos as turmas, vimos que ela usou o mesmo material para todas, sem alterações e com pouca ênfase na construção da competência comunicativa.

Tínhamos que contemplar os conteúdos linguísticos apresentados pela professora e seguir princípios de Usabilidade de Design (UD) e Pedagógica (UP) (VETROMILLE-CASTRO, 2003), como a escolha de uma abordagem baseada em tarefa e “uma preocupação maior com o mundo real e o uso de dados linguísticos autênticos” (LEFFA, 2003, p.7). Vetromille-Castro (2003) aponta que a UP está mais relacionada com a escolha da abordagem baseada em tarefa, embora a UD também seja importante para a motivação dos alunos.

#### **4 CONCLUSÕES**

Acreditamos que pensar na experiência de elaboração de OAL para turmas do Ensino Fundamental a partir da perspectiva da Complexidade nos permite compreender o quanto é importante pensarmos no contexto para que o ensino torne-se relevante. Os princípios do CLT são essenciais, a fim de que o professor saiba que o objetivo do uso de uma LE é a comunicação e que, para melhor preparar os alunos, deve buscar materiais autênticos, os quais tornem o processo de ensino e aprendizagem significativo.

## 5 REFERÊNCIAS

- BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petropolis: Vozes, 1973.
- CANALE, Michael; SWAIN, Merrill. **Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing**. In: Applied Linguistics, v. 1, p.1-47, 1980.
- ELLIS, Rod. **Learning a second language through interaction**. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Instructed Second Language Acquisition – A Literature Review**. Wellington, NZ: Ministry of Education, 2005. ISBN (internet copy) n.0-478-13285-9.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. Chaos/complexity science and second language acquisition. In: **Applied Linguists** v.18, n. 2, 1997.
- \_\_\_\_\_. Second language acquisition and Applied Linguistics. In: **Annual Review of Applied Linguistics**, n.20. Cambridge University Press, 2000.
- LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LEFFA, Vilson J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: \_\_\_\_\_(org.). **Produção de materiais de ensino: teoria e prática**. Pelotas: Educat, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Nem tudo que balança cai: Objetos de aprendizagem no ensino de línguas**. Polifonia. Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 15-45, 2006.
- MARTINS, Antônio Carlos Soares. A emergência de dinâmicas complexas em aulas on-line e face a face In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; NASCIMENTO, Milton (Orgs.). **Sistemas Adaptativos Complexos: Língua(gem) e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- PAIVA, V.L.M.O. Modelo fractal de aquisição de línguas In: BRUNO, F.C. (Org.) **Reflexão e Prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira**. São Paulo: Editora Clara Luz, 2005. p. 23-36 Disponível em: <http://www.veramenezes.com/modelo.htm> Acesso em: 24 de julho de 2010.
- \_\_\_\_\_. Caos, complexidade e aquisição de segunda língua. 2009. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/caos.pdf> Acesso em: 29 de julho de 2010.
- VETROMILLE-CASTRO, Rafael. A usabilidade e a elaboração de materiais para ensino de inglês mediado por computador. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 3, n. 2, p. 9-23, 2003.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre grupos em ambientes virtuais de aprendizagem como sistemas complexos. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 1, 2008.